

A MOULAGE COMO FERRAMENTA DE AUTONOMIA PARA O ESTUDANTE DE MODA

Moulage as a tool of autonomy for the fashion student

Slusarz Filho, Roberto Antonio; Mestre; Istituto Europeo di Design, antonio.slusarz@gmail.com¹

Villalba, Rodrigo; Doutor; Istituto Europeo di Design, villalalg@gmail.com²

Isoda, Gil Tokio de Tani e; Mestre; Istituto Europeo di Design, gil@pingado.com³

Resumo: O artigo investiga o modo como a prática da moulage contribui para a aquisição da autonomia decisória por parte dos alunos do primeiro e segundo semestres do curso. Para tanto, faz uso do método hipotético dedutivo, a fim de apoiar-se nos conceitos de liderança situacional e pedagogia da autonomia, e utiliza os métodos descritivo e exploratório para reunir depoimentos e registros das propostas cumpridas por alunos.

Palavras chave: Moulage; autonomia; liderança.

Abstract: The present article investigates how the practice of moulage contributes to the acquisition of decision-making autonomy by students in the first and second semesters of the course. For that, it makes use of the hypothetical deductive method, in order to support itself in the concepts of situational leadership and pedagogy of autonomy, and uses the descriptive and exploratory methods to gather testimonies and records of the proposals fulfilled by students.

Keywords: Moulage; autonomy; leadership.

“De nada adianta o discurso competente se a ação é impermeável a mudanças.”
(Edna Castro Oliveira)

Introdução

O artigo investiga o modo como a prática da moulage, desenvolvida por alunos do curso de Design de Moda do IED-SP, contribui para a aquisição da autonomia decisória por parte dos alunos do primeiro e segundo semestres do curso. Para tanto, faz uso do método hipotético dedutivo, a fim de apoiar-se nos conceitos de liderança situacional, desenvolvido por Kenneth Blanchard e Paul Hersey, e pedagogia da autonomia, de Paulo Freire, e utiliza os métodos descritivo e exploratório para reunir depoimentos e registros variados das propostas cumpridas por alunos, a fim de verificar como as atividades realizadas em “Práticas de Ateliê de Moda I” (PAM-I) e “Práticas de Ateliê de

¹ Professor de Práticas de Atelier de Moda I e II, Moda e Inovação e Projeto de Coleção II no IED-SP, mestre em *Fashion Design Technology (Menswear)* pela *University of Arts London/London College*.

² Professor de Antropologia Cultural no IED-SP, doutor em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie;

³ Professor de Desenho de Moda II, III e IV no IED SP, mestre em Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

Moda II” (PAM-II) contribuíram para o desenvolvimento de um perfil mais autônomo dos alunos e alunas que cursaram essa disciplina entre o período de julho de 2021 e julho de 2022.

Detalhamento da Investigação

As disciplinas práticas são fundamentais para a formação profissional de um egresso de curso de design de moda, mas sua importância não se resume à conquista ou ao aprimoramento de habilidades técnicas, que capacitam o aluno a reproduzir sequências de procedimentos a fim de alcançar certos resultados previsíveis de costura, modelagem, coordenação, acabamentos etc. O exercício e a investigação da técnica também representam caminhos incontornáveis para aqueles que desejam oferecer ou alcançar autonomia decisória, o amadurecimento da consciência do que significa ser um designer de moda, compreendido aqui como um profissional capaz de decidir e escolher (ou seja, capaz de “designar”) de maneira fundamentada, precisa e de acordo com sua visão criativa, possibilidades de uso de materiais, tecnologias e procedimentos a fim de obter os resultados estéticos, funcionais, simbólicos e mercadológicos almejados.

Neste artigo, privilegia-se a investigação da técnica da moulage apresentada como conteúdo previsto da disciplina “Práticas de Ateliê de Moda” Dentro desse recorte e de acordo com as prerrogativas do projeto pedagógico do curso (PPC), em especial aquelas do “Perfil do Egresso” e da ementa da disciplina “Práticas de Ateliê de Moda”, procura-se associar a moulage ao conceito de “autonomia” proposto por Freire (2000) e a um processo de aquisição de autonomia que nasce de uma relação dinâmica entre professor e aluno, de acordo com o que Blanchard e Hersey (1969) chamam de “liderança situacional”.

Dentro desse escopo investigativo, duas questões constituem a problemática da pesquisa.

- A. Qual é a metodologia de ensino aplicada na disciplina “Práticas de Ateliê de Moda”, como ela se integra aos direcionamentos do Projeto Pedagógico do Curso de Moda do Instituto Europeo di Design e às necessidades profissionais dos egressos de modo a promover o desenvolvimento da autonomia decisória e da liderança situacional entre os alunos?

B. Existe a possibilidade de as práticas da disciplina em questão serem replicadas em outras disciplinas, cursos ou mesmo instituições de ensino superior dedicadas à formação de profissionais de moda? Que condições são necessárias para que isso ocorra?

A partir dessa problemática, os autores levantam duas hipóteses.

A. Hoje, no campo teórico e experimental da educação, existe uma visão bastante consolidada e difundida (ainda que não isenta de atritos com ideologias mais conservadoras) do aluno como cocriador dos conhecimentos elaborados a partir da apresentação de informações e propostas mediadas pelo professor. Consciente das oportunidades e limitações favorecidas por seu repertório e pelo repertório das pessoas que interagem como ele nos espaços escolar e acadêmico, o aluno torna-se capaz de exercitar sua capacidade decisória e organizadora dentro dos grupos dos quais participa com uma impressão afetiva de segurança, o que favorece o surgimento ou o aprimoramento de perfis de liderança. Para um designer de moda, a segurança decisória e a força persuasiva de decisões bem fundamentadas e bem comunicadas são essenciais para o exercício de suas funções, uma vez que se trata de uma atividade quase sempre colaborativa e, mesmo nos contextos organizacionais mais verticalizados, a capacidade de decidir de maneira considerada justa, ágil e inteligível é uma condição especial para a legitimação de sua competência junto a pares, clientes, subordinados e colaboradores. De acordo com as ementas de “Práticas de Ateliê de Moda I” e “Práticas de Ateliê de Moda II”, as aulas dessa disciplina devem oferecer experimentações tridimensionais com tecido no manequim, estudos sobre a técnica de modelagem tridimensional e transposição para a modelagem plana, estudos aprofundados da modelagem tridimensional, técnicas de desconstrução e transformação de produtos de moda por meio de processos autorais e técnicas de alfaiataria, além da ampliação de experimentações de modelagem, com a finalidade de atender ao projeto interdisciplinar do terceiro semestre. Para que tais atividades possam ser efetivamente realizadas, é necessário que o franco desejo de se

envolver em práticas experimentais seja despertado entre os alunos, a fim de que se alcancem resultados originais a partir da desconstrução de padrões de pensamento, sentimento e comportamento que apelam para soluções, estruturas, procedimentos e materiais consagrados, redundantes ou estereotipados. Esse despertar não ocorre de uma só vez nem acontece de modo e em ritmo homogêneo entre os alunos de uma turma ou entre turmas, mas depende igualmente de uma ethos que se desenvolve ao longo das semanas. Os autores deste artigo acreditam que a observação e consequente registro do modo de interação do professor com os alunos ao longo dos encontros previstos pode ajudar a esclarecer como a dependência de padrões, que exige, num primeiro momento, uma liderança mais “direcionadora” por parte do professor vai paulatinamente sendo substituída por uma compreensão crítica dos padrões técnicos e criativos por parte dos alunos, o que faz com que o professor possa exercer um papel cada vez mais “delegador”, ampliando a autonomia dos alunos e revertendo a naturalização de padrões, o que expande as possibilidades de ação e cultiva uma postura mais segura e menos dependente, conferindo a vivacidade criativa da qual a moda depende para se renovar e continuar a existir.

B. A replicação é possível desde que se considere o caráter heterogêneo das reações às propostas feitas pelo professor tanto dentro de uma mesma classe quanto entre classes distintas, daí a necessidade de o professor ser capaz de se revezar nos papéis de liderança que desempenha com diferentes grupos e mesmo com pessoas distintas, competência que pode ser adquirida com mais consciência caso a teoria da liderança situacional e a noção de autonomia proposta por Paulo Freire sejam apresentadas e discutidas com os docentes.

Na terceira seção do artigo, são apresentadas as noções de autonomia e liderança situacional de modo que, na quarta seção, o panorama geral das práticas exercidas nas disciplinas PAM-I e PAM-II possa ser compreendido à luz dessas noções. Na quinta seção, são apresentados depoimentos de alunos aos quais as disciplinas em foco foram ministradas, de modo que se possa verificar quais são as impressões dos mesmos sobre seu processo particular de aquisição de

autonomia. Por fim, na sexta e última seção, comentam-se as possibilidades de replicação das experiências exitosas aqui registradas.

O atual cenário de estudos sobre a melhor organização de conteúdos dentro dos currículos de cursos de design vem avaliando como exitosas muitas experiências que flexibilizam não apenas as fronteiras entre as disciplinas como também incentivam os alunos e professores a enxergarem conexões fluídas e em constante transformação entre campos do saber tradicionais e mesmo entre marcas definidoras do caráter de uma disciplina, como os atributos “prático” ou “teórico”, por exemplo, a fim de que se elaborem reflexões críticas, projetos criativos e atentos ao contexto socioeconômico.

Além disso, é possível estudar as relações entre o campo profissional e o campo acadêmico da moda não apenas para se estabelecer o melhor perfil do egresso para atuar no mercado já estabelecido, mas também para compreender os limites de interferência entre esses dois campos, bem como as contribuições que o campo acadêmico pode oferecer para o aprimoramento das condições de trabalho, da sustentabilidade social e ambiental, da acessibilidade e do próprio ciclo de vida dos produtos de moda.

Nesse duplo sentido, a pesquisa aqui apresentada pode contribuir com uma atualização do significado e da importância do conceito de autonomia enquanto amadurecimento decisório, necessário não apenas para conformar o discente às estruturas já consolidadas de espaço acadêmico e profissional, mas também na transformação do discente em um agente promotor de sugestões e percepções que podem levar a melhorias éticas, tecnológicas e metodológicas, além de proposições de temas e abordagens inovadoras.

Oportunizar ao aluno condições para a conquista da autonomia decisória seria, assim, contribuir não apenas com a renovação dos campos acadêmico e profissional onde se exercitam a vocação de estudantes ou egressos, mas também a renovação dos espaços onde trabalha e interage uma série de outros profissionais (professores, modelistas, administradores, produtores de matéria-prima etc.). Há vasta produção de pesquisas a indicar que, sem essa renovação, tanto o campo acadêmico quanto o campo profissional da moda não terão condições de prosperar em meio aos novos determinantes éticos, comportamentais, tecnológicos e econômicos que configuram o sistema-mundo contemporâneo e que interferem diretamente em importantes e variados aspectos de

nossa sociedade (poder de compra, hábitos de consumo, modos de socialização, transculturalismo, emergência de “cisnes verdes” etc.).

No IED-SP, corpo docente, Núcleo Didático Estruturante (NDE) e Colegiado estão empenhados em identificar, compreender e atender às novas necessidades e possibilidades dos campos acadêmico e profissional onde se formam e atuam os designers de moda. Este artigo é mais uma iniciativa que reforça esse empenho.

Para organizar os procedimentos da pesquisa aqui registrada, o método hipotético-dedutivo é utilizado a fim de que as evidências extraídas da pesquisa sobre a realidade da disciplina “Práticas de Ateliê de Moda” possam ser compreendidas e avaliadas à luz da teoria da liderança situacional e das reflexões de Paulo Freire sobre a importância do professor no processo de formação da autonomia do aluno. O mesmo método também contribui no processo de comprovação das hipóteses levantadas de acordo com os pressupostos teóricos e conceituais assumidos, a saber, 1) a importância da autonomia decisória e da liderança situacional para o egresso de Moda, 2) a necessidade de renovação dos campos acadêmico e profissional da moda diante dos imperativos da contemporaneidade, 3) a contribuição efetiva da disciplina pesquisada para essa autonomia e, conseqüentemente, renovação, e 4) a importância da reelaboração de conteúdos e práticas didáticas diante da valorização da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. O método descritivo é utilizado para que se possam registrar adequadamente as experiências realizadas pelo professor e pelos alunos da disciplina “Práticas de Ateliê de Moda” e o método exploratório é utilizado na elaboração e aplicação dos questionários junto aos alunos e para que a descrição e os pressupostos teóricos empregados possam levar a uma compreensão aprofundada da realidade estudada. Espera-se que tal compreensão possa oferecer uma síntese e um projeto de replicação das experiências bem sucedidas.

Autonomia e liderança situacional

Autonomia em Paulo Freire

Designers e criadores de moda trabalham, portanto, mais do que no projeto que se concretiza por meio do corte e da costura, trabalham entre o corpo, a roupa e a linha de construção de seu imaginário e a possibilidade de reprodução em série, atendendo a uma

demanda de conforto, mas também estética e de vínculo com as atribuições do seu tempo. (CASTILHO; VICENTINI, 2008, p. 125)


Esta afirmação, sobre a atuação do designer e seu entorno, vai ao encontro do objetivo geral do curso de Bacharelado em Design de Moda do IED SP, descrito no Projeto Pedagógico do Curso (PPC-2022):

O objetivo geral do curso de Bacharelado em Design de Moda do IED SP é formar designers criativos, conectados aos desafios e as tendências sociais, econômicas, culturais e tecnológicas, capazes de lidar com os problemas complexos da sociedade contemporânea de maneira sustentável, ética e inclusiva, por meio do design de moda, expresso em múltiplas plataformas.

Além de demonstrar o alinhamento entre uma esclarecedora descrição das atribuições do designer de moda e o objetivo geral do curso de Design de Moda do IED SP, a citação que abre esta seção serve também para demonstrar o complexo nível de competência decisória ao qual o futuro designer de moda deve almejar se quiser desempenhar adequadamente seu papel profissional. A capacidade de decidir a partir de uma variedade de alternativas complexas (MORIN, 2015), nas quais o encadeamento, a força das conexões e mesmo a permanência das variáveis nem sempre está clara, exige uma capacidade de reflexão muito amadurecida e mesmo profissionais muito experientes e seguros podem, analisando em retrospecto, descobrir tarde demais que suas escolhas não foram as melhores (KAHNEMAN, 2012).

Assim, entre as disposições indispensáveis para a capacidade decisória do futuro profissional de moda, destaca-se fortemente a qualidade da autonomia.

Paulo Freire, notável educador, pensador da educação, autor e patrono da educação no Brasil, dedicou grande número de ensaios, livros e respostas em entrevistas ao tema da autonomia. Grande parte dessas reflexões podem ser consultadas na obra-síntese “Pedagogia da Autonomia” (FREIRE, 1996), que inicia como uma distinção destacada entre “formar” e “treinar” o aluno: “É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que treinar o educando no desempenho de destrezas” (p. 16). A partir dessa distinção inicial entre formar e treinar o aluno, Freire desenvolve sua definição de autonomia como um dar-se conta de sua existência e de sua ação propositiva no mundo. Nesse sentido, ao professor caberia, muito mais do que treinar, contribuir para que o aluno, enquanto ser de dignidade, forme-se, primeiramente, para si próprio, procurando compreender as raízes de seus condicionamentos, mas não necessariamente se curvando a eles:



Como presença consciente no mundo, não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-se no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade, não posso falar em ética. Isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. (p.11)

Ainda sobre o papel formador do professor e após realizar essa segunda distinção conceitual entre condicionamento e determinação, Freire se aprofunda na crítica à ideia de unilateralidade no processo de produção de conhecimento para, em seguida, reafirmar a importância das práticas em sala de aula:


É preciso, sobretudo, e aí já vai um desses saberes indispensáveis, que o formando (professor e aluno), desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção. (p.13)

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (p.21)

Ora, se o aluno é um agente em formação, seu posicionamento dentro do processo didático não poderá ser passivo. Daí, decorre que a produção do conhecimento ocorrerá sempre dentro de uma dinâmica relacional na qual professor e aluno vão se transformando enquanto investem no desenvolvimento da autonomia do aluno:

O melhor ponto de partida para estas reflexões é a inconclusão do ser humano de que se tornou consciente. Como vimos, aí radica a nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas mas também delas podemos ter um conhecimento cabal. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. (p.35)

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. E ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer. (p.44)



É exatamente essa transformação no papel do professor, vivida durante o processo de desenvolvimento da autonomia de alunos distintos e de turmas distintas, que exige respostas heterogêneas às diversas situações nas quais sua contribuição como promotor da produção de conhecimento é requisitada. Na subseção seguinte, encontramos a proposta de Blanchard e Hersey, adaptada à realidade das Instituições de Ensino Superior (IES) por Junior e Silva (2016), para a necessidade de diversificação da liderança docente frente aos diversos níveis de autonomia discente. Com a palavra, ainda uma última vez, Paulo Freire:

A autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se. A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância de si mesma e da importância da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário, aposta nela. Empenha-se em desafiá-la sempre e sempre; jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem. A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoreço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta. (p.48)

O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome. (p.54)

2.2. Liderança situacional em Blanchard e Hersey, Junior e Silva

“Autoridade” e “autoria” derivam da palavra latina *augere*, que significa “aumentar”. O *actor* é um aumentador do mundo e a autoridade associa-se à criação de ordem, à responsabilidade de iniciar algo novo em alguém. Em sua função, o professor exerce uma autoridade peculiar. Ele não pode ter projetos pelos alunos, mas é responsável pelo que neles inicia (MACHADO, 2012)

A teoria da liderança situacional se baseia na percepção de que o melhor estilo de liderança depende da situação. Esta teoria sobre liderança foi introduzida pela primeira vez em 1969 por Paul Hersey e Ken Blanchard na obra “Gestão do Comportamento Organizacional”, onde era inicialmente chamada de “Teoria do Ciclo de Vida da Liderança” e, de certo modo, responde de modo original à crise dos modelos gerenciais autocráticos e à crítica das organizações centralizadoras e com cadeias de comando rígidas diante da dinamização do mercado e das estruturas sociais, fenômeno identificado e estudado por autores tão distintos quanto Jean

Baudrillard e Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman e Richard Sennett. Tal panorama resulta também na crítica aos modelos de liderança rígida dentro da sala de aula, o que leva Junior e Silva (2016) a desenvolverem uma abordagem que adapta a teoria da liderança situacional para a sala de aula, como tema de interesse para a formação de professoras e professores.

Na teoria da liderança situacional, distinguimos quatro modelos de liderança que devem se alternar de acordo com as interações que ocorrem entre o professor e o aluno de acordo com o nível de autonomia decisória alcançado por esse último.

Num cenário de aplicação da teoria da liderança situacional, como as aulas de PAM-I e PAM-II do curso de Design de Moda do IED SP, o objetivo do professor será desenvolver a autonomia dos alunos por meio de práticas nas quais o controle técnico, emocional, comunicacional e de repertório vai gradativamente aumentando e fazendo com que os alunos passem por quatro fases sucessivas de amadurecimento. Assim, para cada fase de amadurecimento, o professor muda seu perfil de liderança.

Tabela relação Alunos/Professores - Liderança Situacional

	Aluno		Professor	
1.	principiante entusiasta	nível de maturidade baixo; alto empenho/entusiasmo e pouco conhecimento específico	direcionador	liderança mais assertiva, propositiva, repetitiva e centrada na apresentação de modelos e técnicas já instituídas/consagradas
2.	aprendiz desiludido	nível de maturidade intermediário; baixo empenho/entusiasmo provocado pela compreensão da complexidade das tarefas propostas e nível mediano de conhecimentos específicos	orientador	liderança mais instigadora, reflexiva, inovativa e centrada na apresentação de possibilidades alternativas aos modelos e técnicas já instituídas/consagradas
3.	executor capaz, mas cauteloso	alto nível de maturidade; empenho/entusiasmo mediano resultante da	apoiador	liderança mais consultiva, avaliativa, acolhedora e centrada na perpetuação do

		experiência ainda insuficiente para aquisição da segurança decisória e alto nível de conhecimentos específicos		diálogo, dos questionamentos e das descobertas feitas autonomamente pelo aluno
4.	realizador autônomo	nível de maturidade ideal; alto empenho/entusiasmo resultante da compreensão de que os modelos de conhecimentos específicos podem ser questionados e alterados; alta autonomia decisória resultante do acúmulo de práticas, orientações, incentivos e trocas com o professor e colegas; alto nível de conhecimentos específicos; potencial como multiplicador/professor/orientador	delegador	liderança focada na formação do perfil de liderança por parte do aluno, no incentivo à experimentação, à expressão da subjetividade do aluno e à proposição de novos modelos e técnicas por parte do aluno

O pior erro, aqui, seria esquecer o caráter essencialmente fluído de ambos os tipos de perfis, ignorando, inclusive, a possibilidade de retrocessos, saltos e até mesmo de alternância entre perfis junto a uma mesma pessoa com relação a conteúdos distintos.

Na seção seguinte, é possível observar como os princípios listados e comentados acima e na subseção anterior se coadunam e se expressam nas disciplinas Práticas de Ateliê I (PAM-I) e Práticas de Ateliê II (PAM-II).

Descritivo comentado das atividades desenvolvidas em PAM-I e PAM-II - moulage como ferramenta de autonomia no aprendizado de moda

Segundo o historiador do vestuário James Laver, toda construção de roupa se baseia em dois princípios básicos: *moulage* (modelagem tridimensional) ou modelagem plana (bidimensional). O termo francês *moulage* vem de *moule*, “molde”, e originalmente significa “dar forma a um objeto com o auxílio de um molde”. A técnica do *moulage* envolve trabalhar diretamente em uma forma

tridimensional: design e moldes são feitos simultaneamente e, ao ajustar o tecido (*toile*) no busto ou manequim, podem aparecer ideias e necessidades de adequação e ajustes até então não identificadas. Na história do vestuário, há fortes indícios que levam os pesquisadores a reconhecer o caminho de desenvolvimento da *moulage* ao longo dos séculos. Na moda do século XX, sobressaem-se as figuras de Madelaine Vionnet e Alix Grès como exímias conhecedoras da *moulage* e propositoras de formas a um só tempo simples e sofisticadas, inspiradas na beleza do vestuário clássico e nas formas geométricas. Hoje, a *moulage* continua sendo aplicada na moda, mas a frequência de sua utilização está diretamente relacionada à exclusividade e ao tempo possível dado ao processo construtivo das peças. Sobre a beleza da realização da *moulage*, afirma Eduard van Rijn, designer holandês de grande prestígio: “Criar uma forma é maravilhoso! A maioria das pessoas é incapaz disso, de dar forma e ver, ao mesmo tempo, como um arquiteto.” (DUBURG, 2012)

A prática de *moulage* no IED SP começa durante o segundo semestre da graduação em Design de Moda, tem a seguinte ementa:

“*Moulage* como ferramenta de criação. Experimentações tridimensionais com tecido no manequim. Estudos sobre a técnica de modelagem tridimensional e transposição para a modelagem plana.” (PPC do curso de Design de Moda, IED SP)

O objetivo principal da disciplina é capacitar o aluno para o uso das técnicas clássicas de *moulage*, ao mesmo tempo em que abre possibilidades para o exercício criativo característico da moda autoral. Considerando o estágio inicial em que os alunos se encontram na graduação, é comum que se sintam intimidados pela metodologia e processos apresentados. Por isso, conceber uma abordagem gradual e amistosa, mas ainda desafiadora, se faz necessário.

O método aplicado há pelo menos dois anos na instituição consiste em uma série de projetos semanais (ou quinzenais em alguns casos) de fabricação de produtos com demandas específicas de modelos e usos de aviamentos, maquinários e acabamentos. É importante que as demandas iniciais sejam predeterminadas, seguindo um perfil de liderança, em geral, mais direcionador, para que o foco esteja no entendimento técnico, inicialmente necessário para que os modelos de conhecimento pré-existent sejam assimilados.

Normalmente, durante as horas de aulas em ateliê, são demonstrados os processos técnicos de marcação dos tecidos com linhas de orientação iniciais, o drapeamento do tecido sobre o manequim, a transposição das marcações do tecido para uma réplica em papel, as correções de caimento e vestibilidade, seguido do teste final do modelo sobre um corpo. Logo em seguida, os

alunos replicam os processos em seus manequins, enquanto o docente acompanha fazendo correções e indicando processos mais adequados para a necessidade de cada discente, o que já inicia uma abertura para um perfil mais orientador por parte do professor. Vale citar que durante as demonstrações, os alunos têm autorização do docente para gravar os processos utilizando equipamentos eletrônicos próprios e para fazerem questionamentos sobre a prática. A partilha de vídeos sobre técnicas apresentadas em sala tem se mostrado uma prática benéfica para o aprendizado e, aliada à bibliografia base da disciplina, amplia o repertório dos alunos, que passam a assumir um perfil mais executor, abandonando aos poucos (e em ritmos variados), o perfil de “aprendiz desiludido” na medida em que vão percebendo como a conquista de repertório traz mais amadurecimento e autonomia.

O principal diferencial entre o uso dos livros e do vídeo é observar o movimento sobre o manequim de forma dinâmica, possibilitando a pausa, a repetição do processo quando o docente está ausente, o foco no detalhe, em contraponto às imagens dos livros, estáticas e com definição de qualidade limitada à impressão em papel. O vídeo também serve de suporte para discussões entre os alunos durante a segunda etapa dos projetos semanais: a confecção dos protótipos.

A etapa de fabricação de protótipos é a segunda fase do processo de aprendizado, e o momento em que a autonomia de processos do aluno fica mais evidente. Munido dos testes feitos em sala, moldes adquiridos a partir do moulage, tecidos e aviamentos, cabe ao aluno executar um produto funcional, seguindo padrões de qualidade reconhecidos pela indústria da moda e aplicando seus conhecimentos de moulage e costura. A gestão desse processo impacta na entrega do produto final, considerando que quanto maior o tempo dedicado ao ateliê, maior será o entendimento que o aluno tem dos processos e mais rápida e consolidada será sua autoafirmação como executor capaz.

Durante o curso de dezoito encontros, os alunos passam por sequências de exercícios que referenciam ou complementam conhecimentos anteriores. A listagem presente nos “Anexos” descreve as atividades propostas semanalmente, conforme o plano de ensino previsto, e demonstra, na prática semanal, a progressão do grau de conhecimento e de autonomia decisória considerados em cada encontro e em cada proposta, bem como os perfis de liderança e de amadurecimento predominantes.

Depoimentos dos alunos

Foi aplicado um questionário com oito perguntas abertas para 27 alunos do segundo e do terceiro semestres do curso de Design de Moda do IED SP a fim de verificar a autopercepção quanto ao ganho de autonomia e as motivações particulares quanto às escolhas dos desafios e ao uso de referências na pesquisa para o cumprimento das propostas⁴.

Todos os respondentes afirmaram a percepção de ganho de autonomia durante o processo das aulas, evidenciada na segurança sentida para a reprodução dos desafios apresentados ou para a produção de peças que não as propostas anteriormente pelo professor.

"Acredito que, com a moulage, tenho a liberdade de criar qualquer peça com qualquer formato."
(MESA, 3o semestre)

"Comecei a sentir mais autonomia a partir do segundo bimestre."
(ME, 2o bimestre)

"Me sinto plenamente capaz de executar sem auxílio a saia reta e a saia godê"
(ME, 2o bimestre)

"Sempre acho que poderia mais, mas estou muito feliz e surpresa com minha evolução."
(JM, 2o bimestre)

Ainda quanto aos desafios com variação de complexidade propostos pelo professor, houve alunos que responderam ter optado pelo desafio mais fácil devido às responsabilidades para com outras disciplinas/professores, houve alunos que optaram pela execução de uma peça baseados em sua preferência particular por aquele modelo ou referência de estilista oferecida e houve alunos que se sentiram tentados a aceitar o desafio de maior complexidade para testarem a si próprios dentro de uma situação que exigiria alta competência técnica. Em todos os quatro casos, é possível perceber uma consciência amadurecida quanto às implicações de cada decisão.

⁴ Questionário disponível no "Anexo 02".

Escolhi executar a saia godê, pois teria pouco tempo de execução devido às demais matérias concorrentes.

(DHF, 2o bimestre)

"A saia evasê, pois queria praticar e esse é o modelo que eu mais usaria."

(JM, 2o bimestre)

"Saia com nescas, pois o professor apresentou o estilista Robert Wun e achei fantástica a ideia de poder brincar com tamanhos, assimetrias."

(LA, 2o bimestre)

"Escolhi a saia cigana e essa escolha foi baseada na complexidade do produto, pois sempre tive interesse em franzimento de tecidos."

(JDR, 2o bimestre)

Outro aspecto interessante revelado nas respostas dos alunos foi o entendimento das vantagens da *moulage* e sua complementaridade junto à modelagem bidimensional, o que demonstra atenção às possibilidades decisórias envolvidas no uso de uma ou outra técnica.

"Sim, pois quando fiz o top na modelagem plana ele ficou errado e conversando com o professor vimos que se tivéssemos feito *moulage*, o erro apareceria antes da peça pronta."

(LA, 2o bimestre)

5. Considerações finais

Considerando os *feedbacks* positivos apontados pelos alunos que passaram pelos processos de aprendizado nas disciplinas de Práticas de Atelier de Moda I e II, os autores concluem que a prática da liderança situacional performada pelo docente de *moulage* é exitosa no despertar da autonomia dos integrantes do corpo discente. Ao elaborar uma sequência de atividades que partem da homogeneidade e do direcionamento técnico para a heterogeneidade e necessidade da tomada de decisões para executar peças autorais, é possível, para o aluno, construir uma base sólida de conhecimentos que facilitam seu despertar criativo (sua ação para criar) e, por consequência, sua autonomia, bem como é possível criar, nos planejamentos de outras disciplinas, um roteiro de replicação de tais práticas baseado nas possibilidades sequenciais de desenvolvimento de autonomia testadas em PAM-I e PAM-II. Antes de exigirmos dos alunos uma performance criativa autoral, é

preciso que sejam dadas orientações muito claras, direcionadoras das práticas consolidadas da área, pois um aluno com alto poder de decisão e pouco domínio técnico e autoconhecimento acaba paralisado diante das exigências de execução de modelos que ainda não avalia ser capaz de cumprir.

Confirmando umas das hipóteses, foi observado que os mesmos princípios de um ensino guiado, alimentado gradativamente, podem ser aplicados em diversas áreas do ensino de moda como, por exemplo, práticas de costura, desenho de moda e execução de projetos.

A revisão constante das práticas de ensino e a escuta ativa do docente das necessidades de seus orientandos são fatores essenciais para a construção do diálogo docente-discente, alinhado ao pensamento de Paulo Freire para a construção de um modelo educacional impactante e formador.

Referências

CASTILHO, Kathia. VICENTINI, Claudia G. O corte, a costura, o processo e o projeto de moda no re-design do corpo. *In*: OLIVEIRA, A. C. de. CASTILHO, K. (org.). **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo**. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2008. Pg. 125-135.

DUBURG, Annette. **Moulage: arte e técnica no design de moda**. Porto Alegre. Editora Bookman, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERSEY, Paul. BLANCHARD, Kenneth. JOHNSON, Dewey. **Management of Organizational Behavior: Leading Human Resources**. Nova Iorque: Pearson, 2012.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MACHADO, Nilson J. **Ética e Educação**. Cotia: Ateliê, 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



Anexos

Anexo 01 - descritivos das disciplinas por semana

PAM I

Nesta disciplina, são abordadas bases de saia e busto feminino, variações de busto com recortes, variações de modelos de saias a partir da base, construção de mangas e variações de modelos e elementos complementares, como construção de babados, franzidos e recortes. O ponto culminante do processo de ensino e aprendizado consiste na solicitação de um briefing de produto autoral, com a única demanda imposta de que seja um vestido longo. Desta solicitação, surge uma enorme variedade de propostas, que refletem a heterogeneidade de interesses e habilidades de um grupo de alunos que passa por uma série de exercícios até então homogêneos. O aspecto construtivo do processo como um todo é a possibilidade de observar que os exercícios graduais, focados na ampliação do repertório técnico do aluno, garantem, a longo prazo, o desenvolvimento de uma mentalidade projetual e criativa, com entendimento do percurso necessário para executar ideias complexas.

Semana 1: introdução aos conceitos básicos de uso de manequins. O docente explica as linhas fundamentais do corpo humano e em seguida os alunos são convidados a manipular tecidos sobre o manequim e aprender as técnicas básicas de alfinetagem. É necessário fixar o tecido sobre o busto de forma que o alfinete entre e saia do busto, gerando uma trava. Dessa forma, o tecido ficará fixo na posição determinada, o que permite o drapeamento e manipulação do tecido com segurança. Outro fator de segurança é manter todos os alfinetes com as pontas afiadas alinhadas para a mesma direção, o que certifica menor risco do aluno se machucar. É esperado que ao fim da aula o aluno retenha a informação sobre as linhas de orientação do corpo e a forma adequada de manipular o manequim e os alfinetes.

1.**Aluno: principiante entusiasmado.****1.****Professor direcionador.**

Semana 2: *Toile* de saia reta. *Toile* é uma denominação francesa para “corte de tecido”, e também pode ser entendido como “peça inicial”. Configura a base inicial para estudos de forma sobre o busto. O tamanho do *toile* é variável, de acordo com a parte do corpo que se deseja cobrir.

Para o primeiro exercício, saia reta, é necessário medir a metade da circunferência de quadril do manequim e o comprimento desejado para o produto e adicionar folgas nos dois sentidos. (largura e altura do tecido) As orientações de risco iniciais são as mesmas apresentadas no livro de referência da disciplina, *Moulage - arte e técnica no design de moda* (DuBurg, 2012). Os procedimentos de

medição e risco de tecido são feitos pelo docente para observação dos alunos, que geralmente tomam notas e copiam os diagramas desenhados em seus cadernos. Em seguida, é dado tempo para que cada aluno execute seu risco. O docente acompanha os alunos, auxiliando principalmente no uso das réguas e fita métrica.

Em seguida, o docente inicia a demonstração de *moulage* de saia, orientando na construção das pences e marcação das linhas de referência para que posteriormente seja feita a transferência para o papel. Após observarem, os alunos são convidados a replicar a prática. É esperado que ao fim da aula o aluno tenha riscado e cortado seu *toile*, aplicado o tecido sobre o manequim e riscado as marcações demonstradas pelo docente no painel frontal da saia. Alunos são estimulados a concluir os painéis traseiros durante a semana.

<p>1. → 2.</p> <p>Aluno: principiante entusiasmado em transição para aprendiz desiludido.</p>	<p>1.</p> <p>Professor direcionador.</p>
--	---

Semana 3: Continuidade do exercício de saia reta. O docente revisa os exercícios da semana anterior e finaliza a demonstração de construção de pences nos painéis traseiros. Alunos finalizam o exercício. O docente, então, demonstra os processos de limpeza de *toile* (remover excessos de tecidos, verificar se todas as linhas estão devidamente marcadas), retrace de linhas (reforçar as linhas riscadas a mão livre no busto de modelagem com o uso de réguas adequadas), adição de folgas de vestibilidade, retrace para papel (documentação do molde para reprodução futura) e adição de margens de costura. Todas essas operações são ações padronizadas que se repetem em todas as semanas seguintes com todos os produtos desenvolvidos. A totalidade dos processos é chamado de Limpeza.

No final da aula, é dada a primeira tarefa de confecção: fabricar a saia reta inteira, com acabamento interno em overlock, cós reto, zíper invisível e barra de 2cm. Os alunos terão 7 dias para executar a limpeza do *toile* e a fabricação da peça inteira. Na semana seguinte, o docente recolhe *toile*, moldes e peça confeccionada para inspeção.

<p>2. → 3.</p> <p>Aluno: aprendiz desiludido em transição para executor capaz.</p>	<p>1. → 2.</p> <p>Professor direcionador em transição para orientador.</p>
---	---

Semana 4: *Toile* de busto feminino. Repete-se o processo da semana 2, mas agora referenciando a base de busto feminino presente no livro *Moulage*.

O docente recebe as pastas de entrega de atividades da semana passada. Alunos que não entregaram no prazo de 7 dias ainda podem entregar nas próximas semanas, mas têm redução gradual da nota

máxima que podem atingir com o exercício. Desta forma, os alunos podem decidir como querem proceder com as entregas da disciplina, cientes das consequências de atraso.

<p>2. → 3.</p> <p>Aluno: aprendiz desiludido em transição para executor capaz.</p>	<p>1. → 2.</p> <p>Professor direcionador em transição para orientador.</p>
--	--

Semana 5: Continuidade dos exercícios de base de busto feminino. Alunos fazem o processo de limpeza. No final da aula é dada a segunda tarefa de confecção: fabricar o busto feminino inteiro, com acabamento interno de overlock, zíper destacável nas costas, e aplicação de revel ou viés nas cavas e gola da peça. Na semana seguinte, o docente recolhe *toile*, moldes e peça confeccionada para inspeção

<p>3. → 2.</p> <p>Aluno: executor capaz em retrocesso para aprendiz desiludido face à nova tarefa.</p>	<p>1. → 2.</p> <p>Professor direcionador em transição para orientador.</p>
--	--

Semana 6: *Toile* de busto feminino com recorte. Repete o processo de busto, mas agora executando a variação com recortes chamada de princesa, que divide o busto em painéis verticais. O docente demonstra o processo de junção de painéis e na sequência acompanha os alunos em seus desenvolvimentos.

No fim da aula é dada a terceira tarefa de confecção: fabricar o busto com recorte princesa, com acabamento interno em overlock, zíper destacável nas costas, revel ou viés aplicado nas cavas e gola. O prazo de execução torna-se mais curto: 1 semana. Os alunos devem fazer a limpeza do produto por conta própria durante a semana.

Recolhimento das pastas com o material da segunda tarefa de confecção.

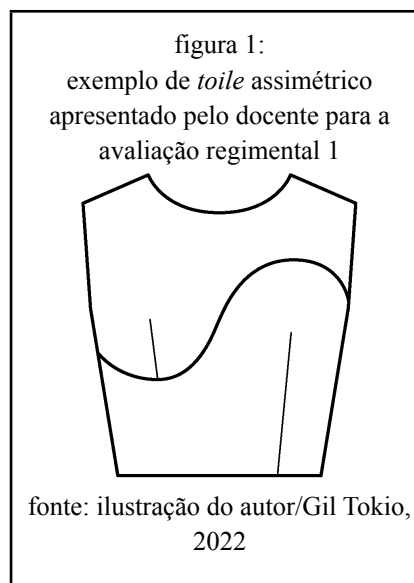
<p>3. → 2.</p> <p>Aluno: executor capaz em retrocesso para aprendiz desiludido face à nova tarefa. Desafio visando ao crescimento da autonomia: crescem as possibilidades decisórias e encurta-se prazo de entrega.</p>	<p>1. → 2.</p> <p>Professor direcionador em transição para orientador.</p>
---	--

Semana 7: Revisão de processos anteriores e demonstração de deslocamento de pences e de processos para peças assimétricas. O docente revisa processos vistos anteriormente com os alunos e

explica a atividade da AV1. Alunos atrasados em seus desenvolvimentos têm uma última chance de entregar peças solicitadas anteriormente antes da AV1.
Recolhimento da pasta de materiais do busto princesa.

<p>2. Aluno: aprendiz desiludido face à iminência da avaliação. Desafio visando ao crescimento da autonomia: crescem as possibilidades decisórias e encurta-se prazo de entrega.</p>	<p>2. → 1. Professor, antes direcionador/orientador, volta a um perfil quase totalmente direcionador, devido à revisão pré-avaliação.</p>
---	---

Semana 8: Avaliação Regimental 01. Prova de réplica de produto. O docente apresenta um *toile* assimétrico executado para a prova, contendo elementos vistos durante as 7 primeiras aulas. Os alunos têm o período de aula para reproduzir o *toile* em seus manequins, com a maior fidelidade de medidas possível. Os alunos podem tirar medidas da peça piloto do docente, discutir processos de construção durante a prova, e até se auxiliarem, mas nunca podem executar o *toile* para um colega (tocar no manequim alheio). Quando o aluno está satisfeito com o seu *toile*, ou quando o tempo limite acabar, as marcações são alinhavadas (costuradas a mão), a peça é assinada e recolhida para correção do docente.



<p>2. → 3. Aluno: aprendiz desiludido em salto para executor eficaz frente às necessidades de realização da avaliação. Desafio visando ao crescimento da autonomia: avaliação com entrega ágil, mas com possibilidade de consultas e interações, valoriza a iniciativa comunicacional e o repertório coletivo da turma.</p>	<p>2. → 1. Professor orientador/incentivador enquanto mediador das possibilidades de consulta e interação durante a avaliação.</p>
---	--

Semana 9: Devolutivas de processos. O docente discute as entregas das semanas iniciais, abrindo a planilha de análise de produtos para os alunos.

<p>3. Aluno: executor eficaz. Desafio visando ao crescimento da autonomia: discutir os resultados da avaliação com o professor e restante da turma de modo coletivo, crítico e construtivo.</p>	<p>2. 3. Professor orientador/incentivador.</p>
---	---

Semana 10: Construção de três variações de saias - evasê, nesgas, cigana. O docente demonstra os processos necessários para transformar a base de saia reta em outras variações de saias. Cada saia apresenta um nível de complexidade e técnicas diferentes. Os alunos devem eleger quais dos modelos desejam fazer.

Exercício de confecção: escolher um dos modelos apresentados em sala e fabricar com o melhor acabamento possível. Os processos devem ser executados durante a semana e entregues em 7 dias.

<p>2. 3. Aluno: aprendiz desiludido/executor eficaz. Desafio de escolha visando a autopercepção da ampliação do próprio repertório: problemático momento de salto definitivo para perfil de executor eficaz ou estagnação em aprendiz desiludido.</p>	<p>1. 2. 3. Professor com maior variação de perfis até aqui: direcionador (apresenta novo conteúdo) e orientador/incentivador (explica diferenças de complexidade e estimula a escolha consciente).</p>
---	---

Semana 11: Construção do traçado de mangas e variações de modelos. O docente explica o conceito de construção de mangas, diferenciando as cabeças de mangas encontradas em produtos de moda (cabeça alta para alfaiataria, cabeça intermediária para camisaria e tecidos planos, cabeça baixa para malharia). Aqui associamos a forma da manga com o grau de mobilidade que ela permite em um produto (ex: a manga de alfaiataria visa uma postura formal e de baixa mobilidade de braços, paralelos ao corpo, ou no alcance dos apertos de mãos). Em seguida, é feito o traçado básico da manga que servirá para testar variações de formas. Alunos são estimulados a buscar modelos de mangas adequados para seus futuros vestidos em bibliografia presente na faculdade.

Exercício de confecção: Executar modelagem de meio busto com aplicação da manga que será utilizada no modelo de vestido da Avaliação Regimental 02.

<p>3. 4. Aluno tratado como executor eficaz/realizador autônomo.</p>	<p>2. 3. Professor orientador/incentivador.</p>
---	--

Semanas 12, 13, 14, 15: *Toile* e fabricação de vestido autoral. Essas aulas são dedicadas às consultorias individuais de projetos. O docente atende as demandas de cada aluno, seja demonstrando processos, sugerindo bibliografias complementares, analisando *toiles* em desenvolvimento, aconselhando a escolha de materiais, etc.

<p>3. 4. Aluno tratado como executor eficaz/realizador autônomo.</p>	<p>4. Professor delegador.</p>
---	---

Semana 17: Avaliação Regimental 02. Apresentação dos processos de atelier e defesa do vestido confeccionado. Aluno apresenta o vestido longo desenvolvido para a entrega. Deve constar: croqui e desenho técnico frente/costas, peça piloto feita em algodão cru ou similar ao tecido final, moldes em papel com marcações adequadas e vestido longo executado em tecido final.

<p>3. 4. Aluno tratado como executor eficaz/realizador autônomo. Desafio de defender produção executada por meio ativação de repertório em discurso público.</p>	<p>4. Professor delegador.</p>
---	---

Semana 18: devolutivas e encerramento. O docente abre novamente o documento de avaliação para leitura dos alunos e esclarece dúvidas. Alunos em chance de exame são notificados para revisão de processos executados previamente.

<p>3. Aluno: executor eficaz. Desafio visando ao crescimento da autonomia: discutir os resultados da avaliação com o professor e restante da turma de modo coletivo, crítico e construtivo.ativação de repertório em discurso público.</p>	<p>2. Professor orientador/incentivador.</p>
---	---

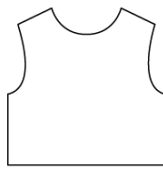
figura 2:
Infográfico ilustrando uma sequência de exercícios desenvolvidos

Sequência dos exercícios da disciplina PAM I

Exercícios de base



Saia

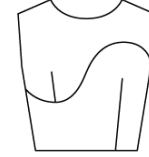


Blusa



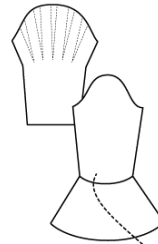
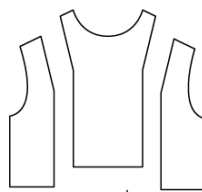
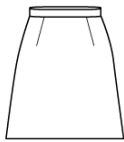
Manga

Exercício da Avaliação Regimental I (AV1)



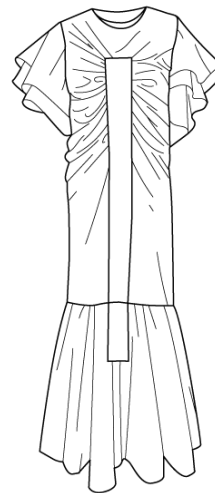
Docente apresenta *toile* e os alunos precisam usar os conhecimentos adquiridos para reproduzi-lo

Exercícios de transformação de base



Exercício da Avaliação Regimental II (AV2)

Agrupamento de conhecimento
Consolidação de técnicas



PAM II

Conteúdos/proposta principais:

- Corte tangram
- Engenharia reversa e upcycling
- Demonstrações técnicas de fabricação
- Projeto de confecção autoral

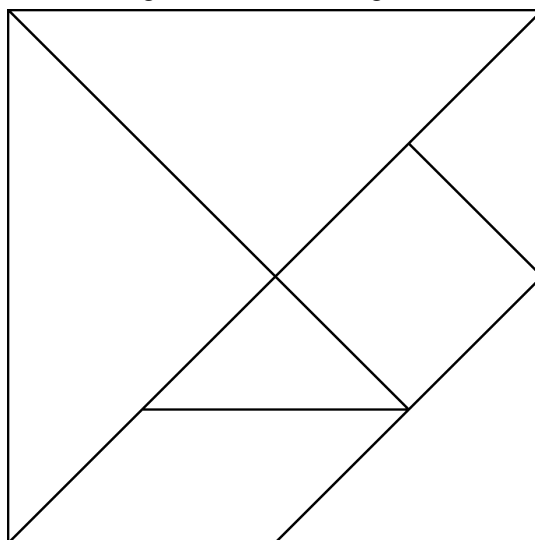
Observação:

No descritivo das Práticas de Atelier de Moda II não apresentamos uma análise semanal da relação aluno-professor porque entendemos que os estudantes ingressam na disciplina dentro do perfil de executor capaz/realizador autônomo e assim permanecem. Os exercícios propostos reforçam a autonomia e o poder de decisão do jovem designer através de variadas práticas exploratórias que culminam em entregas de produtos autorais.

Semanas 1, 2, 3 e 4: Corte Tangram. Tangram é um quebra-cabeça de origem chinesa, composto por sete peças geométricas: 2 triângulos grandes, 2 triângulos pequenos, 1 triângulo médio, 1 quadrado e 1 paralelogramo. Com essas peças é possível executar milhares de combinações de formas, desenhando figuras. Nas práticas de ateliê de moda II, fazemos uso do Tangram de forma análoga, desafiando o aluno a utilizar formas pré-concebidas para a construção de um produto de moda de sua preferência. Cada aluno deve cortar um tangram utilizando toda a largura de um tecido plano de algodão cru (tamanho de 1,5m x 1,5m). De forma complementar, são apresentados conceitos de modelagem sem desperdício que devem ser considerados durante a execução da atividade. Os alunos são desafiados a não gerar resíduos durante a execução do produto, ou seja, todas as partes devem ser utilizadas integralmente. Podem ser utilizados aviamentos para complementar o item.

Fazendo uma comparação com as atividades prévias, em que os alunos esculpem o *toile* (recorte geométrico) em uma forma anatômica ou orgânica, agora a própria forma geométrica é a forma final do *toile*. Isso cria uma série de desafios para o aluno, que deve adaptar conhecimentos para cumprir a tarefa de fabricar um produto, considerando encaixe, margens de costura, necessidades anatômicas para boa vestibilidade, etc. Ao longo de quatro semanas, os alunos desenvolvem suas ideias e discutem com o docente formas de concretizar o produto.

figura 3: formas do tangram



fonte: ilustração dos autores/Isoda, Gil Tokio de Tani e / Slusarz Filho, Roberto A, 2022

Semanas 5, 6, 7: Engenharia reversa e desconstrução. O princípio da prática da engenharia reversa é desmontar um produto para entender seu funcionamento ou construção, o que possibilita a ampliação de conhecimento sobre um item. Os alunos são estimulados a estudar um produto complexo (que possui recortes, bolsos, pences, franzidos, etc), desmontando-o e registrando as etapas do processo. Devem partir do produto inicial até a base de modelagem da peça, reproduzindo o molde em papel e corrigindo margens de costura. Tudo isso gera um relatório que deve ser entregue durante a Avaliação Regimental 01. Mas o que fazer com o residual do estudo? Entra a segunda parte do exercício: fabricar um novo item de vestuário utilizando o conceito de *upcycling* têxtil. Os alunos podem adicionar aviamentos novos e até 1 metro de outro tecido aos componentes da peça desmontada e, então, fabricar uma peça autoral com o melhor acabamento possível. Durante o curso das semanas destinadas ao projeto, alunos são atendidos em atelier de forma individual, sanando dúvidas e apresentando o desenvolvimento da pesquisa. Produto criado e relatório são defendidos durante a AV 01.

Semana 8: Avaliação Regimental 01. Apresentação do projeto de engenharia reversa e desconstrução.

Semana 9: Devolutivas de exercícios. O docente discute com os alunos os exercícios executados nas semanas anteriores.

Semanas 10, 11, 12: Desenvolvimento técnico. O docente faz um levantamento de processos técnicos de interesse dos alunos e auxilia nas pesquisas e testes envolvendo as técnicas. Em seguida,

é proposto que cada aluno execute amostras para compreensão e fixação dos novos conhecimentos. Durante essas semanas também é apresentado o briefing do projeto de confecção autoral, com as diretrizes que os alunos devem cumprir nas próximas semanas.

Semanas 13, 14, 15, 16: Projeto de confecção autoral. Alunos iniciam o desenvolvimento de um look completo, constituído por um ou mais produtos, de acordo com seus desenhos. Os produtos aqui podem estar associados ao projeto de coleção do semestre, a disciplina de figurino e performance, ou aos interesses particulares de desenvolvimento de cada aluno. Durante o curso de quatro semanas, o docente trabalha como consultor técnico, acompanhando o progresso das atividades de cada aluno, indicando bibliografias específicas, auxiliando no entendimento da modelagem ou corrigindo toiles que são apresentados. Todo o processo é orientado pelos croquis, fichas técnicas e toiles feitos semanalmente.

Semana 17: Avaliação Regimental 02. Entrega dos produtos autorais confeccionados. Os alunos defendem seus projetos e expõem os sucessos e dificuldades encontrados na confecção autoral.

Semana 18: Devolutiva final e encerramento. O docente dialoga com cada aluno expondo o que considera positivo do desenvolvimento do aluno durante o semestre e faz recomendações para atividades futuras visando o crescimento técnico. Alunos que não atingiram a expectativa de desenvolvimento são encaminhados para o exame, e devem refazer os processos considerados falhos ou insuficientes.

Anexo 02 - modelo de questionário aplicado aos alunos

Questionário sobre as práticas de ateliê de moda aplicado com alunos que cursaram a disciplina PAM I e II no intervalo de julho de 2021 a julho de 2022.

1 - A prática de moulage contribuiu para um ganho de autonomia no seu processo criativo?

2 - A partir de qual exercício ou semana você começou a se sentir mais autônomo nas práticas de atelier?

3 - Ao longo do semestre, foram aplicadas várias técnicas de moulage em exercícios semanais. Quais deles você se sente plenamente capaz de executar novamente sem auxílio de um docente?

4 - Você acredita que as práticas de moulage contribuíram para um melhor entendimento da estrutura de produtos de moda? Você poderia afirmar que a forma como você desenha e planeja um produto agora leva em consideração as técnicas para a modelagem do item?

5 - Durante a 10ª semana, com os três modelos de saias, qual você escolheu fabricar? Em retrospectiva, sua escolha foi baseada em complexidade do produto, tempo de execução ou sensação de falta de autonomia para a execução do exercício?

6 - Qual formato de aula é preferível para você: aula de demonstração técnica, quando todos executam o mesmo briefing, ou aula com consultoria, quando cada aluno traz seus questionamentos sobre processos diversos e são atendidos individualmente?

7 - Quais canais complementares de pesquisa você utilizou para estudar moulage durante o semestre?

8 - Você se avalia satisfeito com o seu crescimento nos estudos de moulage e modelagem durante o semestre?